

## **NOTAS SOBRE EDUCAÇÃO E A INDÚSTRIA CULTURAL**

## **NOTES ON EDUCATION AND THE CULTURAL INDUSTRY**

Matheus Marques NUNES<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo aborda algumas das conseqüências do progresso tecnológico, implícitas a partir do predomínio da indústria cultural, como é o caso da destruição da experiência através da racionalidade econômica, das transformações na linguagem, na diversão e no maior isolamento das pessoas. Procura demonstrar também como o entretenimento, transformado em mercadoria ao alcance de todos, modificou as relações no trabalho e na educação. Relaciona a massificação das pessoas com o efeito do choque e também suas implicações como forma de controle social.

**Palavras chaves:** Progresso, educação, diversão e a indústria cultural.

**Abstract:** The article discusses some of the consequences of technological progress, implied from the predominance of cultural industry, as is the case of the destruction of experience through the economic rationality of the transformations in language, in the fun and the further isolation of the people. Demand also demonstrates how the entertainment, transformed into merchandise to everyone, changed relations in the workplace and in education. Relates the massification of people with the effect of shock and also its implications as a form of social control.

**Keywords:** Progress, education, fun and cultural industry.

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia (UNESP/Araraquara). Professor da União das Instituições Educacionais de São Paulo (UNIESP) de Ribeirão Preto/SP – 14010-060. Email: matheusmnunes@ig.com.br

## 1- Progresso e hierarquia

A noção de progresso, sobretudo a partir do século XIX, suscitou vários debates no campo de estudo das ciências sociais. Os filósofos do Iluminismo enfatizaram a sua fé no desenvolvimento da sociedade através da ciência e também a sua preocupação com as prováveis conseqüências sociais desse novo tempo civilizado.

A racionalização técnica que caracterizou a noção de progresso no capitalismo é, de acordo com a visão de Theodor Adorno e Max Horkheimer (ADORNO, HORKHEIMER, 1985), a racionalidade da própria dominação.

O poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade transformou-se intensamente através do fomento técnico alcançado com os impressionantes avanços científicos. As necessidades são minuciosamente controladas e tudo o que fugir ao padrão hegemônico é recalcado pelo poder central ou pela consciência individual. Assim, nossas vidas são inteiramente pautadas por imperativos elaborados de acordo com os princípios burocráticos que passaram a organizar a economia e outros aspectos do capitalismo:

Os remadores que não podem se falar estão atrelados a um compasso, assim como o trabalhador moderno na fábrica, no cinema e no coletivo. São as condições concretas do trabalho na sociedade que forçam o conformismo e não as influências conscientes, as quais por acréscimo embruteceriam e afastariam da verdade os homens oprimidos. A impotência dos trabalhadores não é mero pretexto dos dominantes, mas a conseqüência lógica da sociedade industrial, na qual o fado antigo acabou por se transformar no esforço de a ele escapar. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p.47).

Não existe, neste período de predomínio das rotinas, mais confiança nas atitudes do indivíduo como sujeito autônomo e também não há mais interesse ou perspectivas para novos caminhos que revertessem esta forma de manutenção do poder econômico. Tal sujeito, fragmentado e alienado, não conseguia mais se esquivar da realidade e da opressão. Ele não encontrava meios de fugir do emprego fastigioso, da família detestável, dos falsos

amigos, da educação sem sabedoria, da religião que não o aproxima de Deus e nem de si mesmo.

A rotina afastou qualquer idéia de liberdade ou heroísmo, mas garantiu uma estabilidade que compensava estes dissabores cotidianos, deixando, assim, um forte sentimento de nostalgia diante da possibilidade da fruição de uma liberdade que talvez nunca tenha existido e de segurança diante de uma ordem em que os trabalhadores dispunham da perspectiva de controlar suas esperanças quanto ao futuro.

Todos os indivíduos no período de maior predomínio deste modelo fordista são quantificados. Os números e as estatísticas irrefutáveis controlam todas as atividades dos indivíduos. O trabalhador da linha de produção ou do escritório não tem a ilusão de fazer escolhas num jogo de livre concorrência, porém, as possibilidades estão previamente marcadas pelas regras impostas pelo capital monopolista. Ele prevê e acentua as diferenças para que ninguém escape ao seu controle:

Smith reconhece que a decomposição das tarefas envolvida na fabricação de alfinetes condenaria os trabalhadores individuais a um dia de um tédio mortal, hora após hora passadas num serviço mesquinho. Em certo ponto, a rotina tornou-se autodestrutiva, porque os seres humanos perdem o controle sobre seus próprios esforços; falta de controle sobre o tempo de trabalho significa morte espiritual. (SENNETT, 2005, p. 41).

Concomitantemente, a procura da harmonia entre particular e universal acaba por se revelar, sobretudo na ciência e educação atual, como o interesse da sociedade industrial. O indivíduo é intuído apenas sob o aspecto da manipulação e da administração total. Ele se converte numa peça da grande engrenagem capitalista, como parte de um processo reiterável e substituível.

A indústria cultural, conceito fundamental para a compreensão das contradições próprias à cultura capitalista do século XX, como primeiro serviço oferecido ao seu cliente, classifica tudo antecipadamente. Em virtude da própria constituição objetiva, ela tolhe completamente qualquer pensamento espontâneo.

Desse modo, a opinião do operário e do estudante, formada através dos jornais, dos meios de comunicação de massa, das instituições escolares e da tecnologia que determina o

ritmo da sociedade, apenas confirma a ideologia dominante. A imaginação e a memória do indivíduo massificado são completamente atrofiadas neste processo, mesmo assim, todos podem considerá-lo como um sujeito culto, informado e bastante razoável nas suas opiniões sempre compatíveis com o que pensa a maioria. Todos, desse modo, são constrangidos a vestir o mesmo discurso que é oferecido numa bandeja pela indústria cultural.

O conformismo, apesar da constante inquietação e de um vago descontentamento com a vida controlada, acabou vencendo. O pensamento foi padronizado e muitos na sociedade estável reconstruída após a Segunda Guerra Mundial, pelo menos nos países centrais do capitalismo industrializado, sentem-se até mesmo constrangidos por reclamar insistentemente da vida de que desfrutam. Envergonham-se por estar sempre descontentes quando deveriam sentir orgulho por pertencer ao grupo dos privilegiados que acorda rodeado por mecanismos tão perfeitos, luxuosos, acessíveis e pretensamente funcionais. Acalentam esperanças, realizáveis num futuro sempre distante, de progredir ainda mais através da boa educação de seus filhos universitários.

Mesmo no seu tempo de lazer a multidão se orienta pelo ritmo da produção industrial. Assim, a indústria cultural aproxima e iguala o lazer ao trabalho, ou seja, o descanso assemelha-se cada vez mais ao tempo gasto nas tarefas impostas pelo trabalho. Conseqüentemente, ninguém consegue tempo suficiente para repousar o necessário. O movimento incessante transforma-se numa regra e até os mais distraídos não deixam de consumir algo nesta corrida frenética por mais lazer e descontração. Cada um dos seus produtos torna-se modelo da máquina econômica que, gigantesca e insaciável, não pode parar.

Os novos efeitos conferidos pelo entretenimento são buscados permanentemente. No entanto, eles permanecem ligados ao velho esquema da tradição e ao poder da classe dominante. Não existe possibilidade de fuga. As novidades, todas elas, estão marcadas pelos traços do jargão e se curvam ao crivo da aprovação geral. O primeiro olhar decide se aquele produto está suficientemente adaptado ao padrão aceito como normal. A indústria cultural coloca a imitação como algo de absoluto e reduz os bens culturais ao puro estilo. Dessa forma, como argumentaram Adorno e Horkheimer (1985), ela trai seu segredo, a obediência à hierarquia social. A violência instala-se definitivamente e todos os setores da

produção espiritual tornaram-se subordinados ao esquema da indústria cultural. Ela produziu uma imensa quantidade de mercadorias destinadas a ocupar os sentidos dos homens em todas as horas do seu dia e em todas as fases da sua vida. O trabalhador recebeu, portanto, um treinamento eficaz, realizado mesmo durante o tempo destinado ao descanso, para as tarefas que realizaria durante a jornada normal de trabalho.

Todos os trabalhadores são concitados a adotar uma postura dinâmica, nos moldes previamente determinados pela regra da máxima produtividade e disciplina, mesmo nos seus momentos destinados inicialmente ao seu descanso. Já o burguês ou o integrante da crescente classe média deveria pertencer a inúmeras associações: de proteção aos animais, de moradores, do clube de bocha, dos jovens da igreja presbiteriana, do movimento contra as queimadas, todas estas instituições determinavam e reforçavam ainda mais as suas convicções semelhantes aos ditames da própria ideologia contida em tais movimentos. Por outro lado, este integrante típico da classe média, no momento em que se deita confortavelmente no sofá, sente-se, finalmente, isolado do mundo. Neste instante, todavia, entram em cena as agências de publicidade que passam também a regular todos os aspectos da sua vida exterior, criando, dessa maneira, aparentemente lúdica, aquilo que ele julgava ser sua individualidade.

Assim, como já havia descrito Alexis de Tocqueville (2000) acerca da democracia norte-americana do século XIX no consagrado *Democracia na América*, ele é totalmente livre para não pensar como os demais, no entanto, será considerado um estrangeiro dentro da sua própria cidade se o fizer. Outros tipos de comunidade e redes sociais imperavam naquele momento. O constrangido cidadão não conseguiria sobreviver durante muito tempo com o desprezo e o isolamento social provocado por sua atitude de contestação.

Temos, neste quadro esboçado acerca de alguns aspectos importantes da indústria cultural, os seguintes elementos: 1- ela reproduz sempre o mesmo; 2- a novidade é excluída como um risco tolo e desnecessário; 3- ao mesmo tempo ela promove o consumo e luta para que tudo permaneça dentro da ordem estabelecida; 4- para cumprir esta tarefa, a indústria cultural conta com o ritmo e a dinâmica; 5- tudo é colocado em constante movimento através da produção e da reprodução mecânica, e, assim, consegue-se a garantia

da almejada estabilidade; 6- nada poderá surgir que não seja imediatamente assimilado às idéias predominantes.

O trabalhador, que precisa lutar contra as necessidades prementes da vida diária, fica, e tem motivo para isso, muito contente quando pode usar como simples passatempo o período que não passa junto à máquina. Não podemos esquecer que a arte séria sempre ficou restrita a poucos iniciados ou a membros de certa elite intelectualizada. Aquele que nunca teve acesso à arte séria encara tal seriedade com escárnio e desprezo. A arte leve caminhou, dessa forma, lado a lado com a arte autônoma.

Porém, existe, segundo a interpretação de Adorno e Horkheimer (1985), algo que é novo nesta época do capitalismo monopolista. A novidade consiste em que esses elementos, antes irreconciliáveis, da cultura, da arte e da distração se reduzem à totalidade da indústria cultural. Eles estariam submetidos à falsa fórmula da repetição incessantemente promovida por ela:

Mas o que é novo é que os elementos irreconciliáveis da cultura, da arte e da distração se reduzem mediante sua subordinação ao fim a uma única fórmula falsa: a totalidade da indústria cultural. Ela consiste na repetição. O fato de que suas inovações características não passem de aperfeiçoamentos da produção em massa não é exterior ao sistema. É com razão que o interesse de inúmeros consumidores se prendia à técnica, não aos conteúdos teimosamente repetidos, ociosos e já em parte abandonados. O poderio social que os espectadores adoram é mais eficazmente afirmado na omnipresença do estereótipo imposta pela técnica do que nas ideologias rançosas pelas quais os conteúdos efêmeros devem responder. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p.127).

Podemos dizer, dessa maneira, que a indústria cultural caracterizou-se, sobretudo, como a indústria da diversão para as massas. A sociedade transformou algo que sempre foi considerado como um privilégio, numa importante mercadoria, assim, o entretenimento ganhou cada vez mais destaque na cultural atual.

O minucioso controle sobre os consumidores é mediado, como iremos discutir adiante, pela diversão que se tornou, dessa forma, um importante critério para uma adequada socialização no período atual. Este fundamento servirá inclusive quando pensamos nas diferentes estratégias traçadas pelo mercado, sobretudo nas duas últimas

décadas (1990-2000), para fomentar certo tipo de educação superior nos chamados países periféricos do capitalismo.

## 2- Diversão

Como vimos anteriormente, a diversão, no capitalismo constituído após o término da Primeira Guerra Mundial, passou a ser um importante prolongamento do trabalho. Todos que desejam escapar ao processo de trabalho mecanizado procuravam divertir-se freneticamente como uma necessidade não apenas premente, mas fundamental. Tratava-se de mais um dever e não podemos esquecer que normalmente cumprimos uma lista interminável deles. Esta tarefa tornou-se muito importante e ninguém ousaria desrespeitá-la sem sofrer sérias conseqüências econômicas e, principalmente, sociais.

Recuperamos o ânimo necessário para continuar vivendo, somente entregando-nos sofregamente a todas as diversões oferecidas por esta indústria. Com doses cada vez maiores deste anestésico, poderíamos nos colocar em condições de enfrentar a nossa rotina de atividades sem sentido. Acreditamos, pelo menos durante o tempo reservado para a diversão, que ainda podemos conferir um significado para nossos esforços e que a vida é muito mais do que apenas sobreviver. A enorme quantidade de futilidade produzida pela indústria cultural revelou-se, desde então, como um importante elemento na construção da harmonia individual e da ordem social.

No entanto, a mecanização atingiu tal poderio sobre a pessoa em seu lazer que acabou determinando quais as mercadorias seriam destinadas à diversão. Simultaneamente a este insidioso processo de mecanização, a pessoa percebe somente cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho alienante e repetitivo. Ao processo de trabalho que desumaniza o operário só pode escapar adaptando-se a ele durante os momentos, que se tornaram mais freqüentes, de ócio. Desta forma, mesmo a sua felicidade é rigorosamente controlada e predeterminada pela produção das mercadorias culturais.

A cultura do capitalismo, como parte do ritual de culto ao entretenimento, criou um clima de ansiosa espera pela chegada da sexta-feira à noite. Entretanto, todo o prazer desta expectativa acaba por se congelar no aborrecimento da mesmice. Isto porque, para

continuar a ser um prazer, toda a diversão oferecida pela indústria cultural não deve exigir nenhum esforço. Tudo se move dentro do mais rigoroso hábito. As associações são as mesmas, o filme não foge ao velho esquema consagrado, as aulas seguem o mesmo esquema, o barzinho, qualquer um deles, apresenta o igual como grande atrativo, enfim, nada exige do espectador um pensamento que seja próprio. No final da noite o pretense boêmio, após horas de conversas que se repetem semanalmente, ainda ostenta a máscara da felicidade como se tivesse passado horas agradáveis em companhia de pessoas inteligentes e espirituosas.

Não se trata simplesmente de fomentar a mesmice, mas de ocultá-la racionalmente criando um aparente caráter exótico, inovador e extraordinário em cada produto lançado. Considerando que a condição de vida nesta sociedade é o do desgaste contínuo, a novidade torna-se um importante elemento econômico e social para a manutenção do sistema através do princípio da dissimulação planejada. O aparentemente novo, seja um produto ou uma pessoa, esmaga toda a resistência individual.

O indivíduo encontra-se, desse modo, mais cansado na segunda-feira do que na quinta-feira, mesmo assim, na quarta-feira começa novamente o ritual da espera pelo fim de semana repleto de promessas que nunca serão realizadas. Conforma-se a uma situação inalterável e experimenta a alegria da renúncia bem-sucedida. Todos os espetáculos oferecidos pela indústria cultural demonstram, de maneira inequívoca, o princípio da renúncia permanente que a civilização nos impõe continuamente. Portanto, nunca conseguimos atingir o nosso objetivo no final de semana e, mesmo assim, devemos continuar, forçosamente, satisfeitos e sorridentes. Como afirmou o paciente mordomo do senhor Jacinto ao explicar o tédio de seu patrão na civilizada Paris do final do século XIX: sofremos de fartura (QUEIROZ, 2003, p. 66).

Também devemos lembrar que esta multidão fatigada, que surge pela primeira vez nas grandes cidades industriais, só recentemente teve um efetivo acesso ao lazer. Anteriormente, o ócio existia apenas para um número restrito de indivíduos socialmente preparados para utilizá-lo e desfrutá-lo. A infância de muitos camponeses, por exemplo, vivida em pequenos vilarejos, era calma; no entanto, num nível baixo e inexpressivo, de acordo com os padrões da civilização moderna, de sensibilidade, gosto e opinião.

A partir do momento em que uma parcela cada vez maior da população passou a ter acesso ao lazer, técnicas de produção em massa são aplicadas também às diversões e não somente à esfera do trabalho. A característica marcante desse tipo de diversão é que ele deslumbra, excita e distrai a massa sem alargar o seu desenvolvimento espiritual e moldando suas aptidões para a esfera produtiva. O tempo de lazer, na época do capitalismo monopolista, não permite o desenvolvimento de quaisquer aptidões espontâneas do indivíduo.

A antiga moral do trabalho, segundo a visão defendida por Wright Mills, foi substituída, na sociedade dos empregados, por uma ética do lazer (MILLS, 1979). Tal substituição implicou numa profunda ruptura com a antiga relação que existia entre trabalho e lazer. O trabalho, cada vez mais alienante, perde importância e significado na existência das pessoas. Ele passou a ser julgado em termos dos valores e critérios que predominam no tempo do ócio.

O trabalho, nestas condições, constitui um simples meio, nada agradável, para garantir a sobrevivência. As horas mais ativas de nossas existências são sacrificadas para ganhar dinheiro, muito de preferência, com o qual se vive permanentemente angustiado na tentativa de se alcançar um padrão de consumo em constante alteração. Ele transforma-se em sinônimo de tédio e frustração. Começamos a aguçar nossas sensações e prazeres realmente quando o trabalho termina. Assim, buscamos todos os valores importantes fora do trabalho. Enquanto estamos trabalhando mantemos uma postura de total seriedade, riso contido, completa obediência às normas da empresa e impecável constância nos esforços despendidos para o desenvolvimento do capital. Porém, empregamos todo este esforço numa atividade, como já foi assinalado, destituída de qualquer significado permanente. Este castigo consumirá os melhores anos das nossas breves existências, sem acrescentar, porém, nada para o nosso desenvolvimento pessoal. Por isso, acabamos associando o tempo de lazer à liberdade, sem perceber, no entanto, que ela também possui o aspecto autoritário contido na esfera do seu trabalho.

Dessa forma, o trabalho seria uma atividade completamente separada do resto da vida. Tal distinção seria especialmente ressaltada, pelo discurso ideológico dominante, em relação àquelas horas destinadas ao entretenimento. A grande maioria, que necessita

trabalhar, observa o trabalho como um meio enfadonho de atingir um fim posterior, local de alegria, de realização de objetivos, situado no domínio do lazer/consumo e hipoteticamente distinto do alienante mundo produtivo. Quanto mais penosa for uma tarefa, tanto mais necessário torna-se encontrar alívio nos modelos, já predeterminados, fornecidos pela indústria cultural.

Se os homens vendem pequenas parcelas de si mesmos todos os dias, como evidencia a discussão marxista sobre o conceito de mais-valia, eles tentam comprá-las novamente todas as noites, férias e finais de semana. Através da diversão, o indivíduo busca reconstituir sua integridade. Aspira transformar-se em uma pessoa diferente. Construir, nessa relação do tempo do lazer com o trabalho, um eu distinto daquela imagem cinzenta do profissional conformado e descontente com o padrão vigente do comportamento cotidiano.

Por isso mesmo, o processo de socialização também se altera de maneira significativa. Ele deixa de ser realizado prioritariamente pelas instituições tradicionais, como a família e a escola, e passa a acontecer, por exemplo, através dos meios de comunicação de massa. Nas grandes cidades a comunidade e o círculo de parentesco perdem o papel principal de fixar o homem na sociedade. O solitário homem da metrópole moderna busca sua ancoragem em outros mecanismos, entre eles, o da diversão que, dessa maneira, adquiriu um significado inédito nas sociedades industrializadas.

O lazer e os vários mecanismos de diversão tornam-se, portanto, o centro das influências formadoras da personalidade e dos modelos de identificação do indivíduo. Através deste domínio do lazer, encontramos elementos comuns entre as nossas aptidões e a tendência geral da sociedade.

Portanto, o espetáculo esportivo semanal, para elegermos um exemplo corriqueiro nas nossas relações cotidianas, converte-se em objeto de interesse permanente para a massa. Torna-se uma espécie de elo que nos aproxima das outras pessoas e fornece a solidariedade necessária para continuar vivendo a normalidade tranqüila, mesmo que ela seja uma existência vazia de significado:

A diversão das pessoas vazias baseia-se em seu próprio vazio, e não o preenche; não as tranqüiliza, nem as relaxa como faziam as brincadeiras e divertimentos simples da antiga classe média; não consegue refazer a espontaneidade criadora para o trabalho, como no modelo artesanal. O lazer distrai da monotonia impaciente do trabalho para lançá-la na monotonia dos entretenimentos passivos feitos de fascínio e emoções. Para o homem moderno, o lazer é o meio de gastar dinheiro, o trabalho o meio de obtê-lo. Quando há uma competição entre os dois, o lazer sempre leva a palma. (MILLS, 1979, p.256).

A indústria cultural oferece a mesmice do cotidiano como se fosse o paraíso não mais perdido. A diversão destina-se a reconduzir ao igual, ou seja, à escolha sempre daquilo que é a mesma coisa. Ela favorece a resignação e o necessário esquecimento das pequenas misérias diárias que todos, indubitavelmente, enfrentam com a certeza de jamais superá-las no atual quadro de poder. O entretenimento passou a ser considerado como o abandono descontraído à multiplicidade das associações aparentemente incoerentes, mas, na verdade, elaboradas a partir de um planejamento racional, e ao puro absurdo manipulado para a obtenção do lucro máximo.

Devemos também ressaltar a questão da prévia elaboração do entretenimento. Isto porque a indústria cultural praticamente censura a diversão espontânea como ingênua. Uma acusação, pensando nos parâmetros utilizados pelo entretenimento corrente, tão grave quanto ser classificada como algo demasiadamente intelectual. Vemos, com isso, a ação de uma razão planejadora que obriga o indivíduo, em todas as atividades, seja nas brincadeiras infantis, na busca de novos sentidos através das obras de arte e até mesmo nas práticas pedagógicas do educador, a provarem sua eficácia, através da descontração, e aceitarem os ditames de uma organização cada vez mais flexível e opressiva na sua ânsia pela produtividade.

Finalmente, outra conseqüência importante dessa fusão da cultura e do entretenimento promovida pela indústria cultural foi que não apenas a cultura se depravou, mas a diversão se espiritualizou.

O acaso torna-se meticulosamente planejado com a indústria cultural. Busca-se criar a ilusão, no entanto, de que ele sempre impere. Ela procura construir uma espécie de álibi para os planejadores na sua tarefa de desacostumar o indivíduo da subjetividade e do

pensamento autônomo. O indivíduo somente desperta interesse se assumir a condição de cliente e empregado.

A apologia da sociedade, de acordo com Adorno e Horkheimer, seria a afinidade original entre negócios e diversão (ADORNO, HORKHEIMER, 1985). A massa que consome diversão deve colocar-se sempre de acordo com a sociedade. Isso foi possível pelo isolamento do indivíduo do processo social. A pessoa idiotizada abandona qualquer pretensão de refletir sobre a realidade social. Na ânsia pela diversão, o imperativo máximo é o de deixar de lado todo sofrimento.

Até mesmo aquele que é exposto pelos meios de comunicação em situações de violência e constrangimento passou a ser encarado como parte agradável do espetáculo. A sensação de impotência acaba predominando. Foge-se da realidade, mas não do seu aspecto ruim. Toda e qualquer possibilidade de resistência que tal realidade ainda deixasse subsistir, por mais insignificante que fosse, é sistematicamente combatida como elemento nefasto ao funcionamento harmonioso do sistema econômico. A liberdade tão propagada é o ser livre de qualquer pensamento crítico e de qualquer idéia que negue o atual sistema de dominação.

Tal indivíduo sentiria terror caso conquistasse a liberdade. Apesar de insatisfeito e preso a uma série de preceitos, não saberia o que fazer de uma aquisição tão nova e tão desconcertante. Não tardaria em reconhecer que gostaria de voltar ao terreno seguro do conformismo e do pensamento padronizado:

As massas desmoralizadas por uma vida submetida à coerção do sistema, e cujo único sinal de civilização são comportamentos inculcados à força e deixando transparecer sempre sua fúria e rebeldias latentes, devem ser compelidas à ordem pelo espetáculo de uma vida inexorável e de conduta exemplar das pessoas concernidas. A cultura sempre contribuiu para domar os instintos revolucionários, e não apenas os bárbaros. A cultura industrializada faz algo a mais. Ela exercita o indivíduo a levar essa vida inexorável. O indivíduo deve aproveitar seu fastio universal como uma força instintiva para se abandonar ao poder coletivo de que está enfastiado. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 143).

A beleza da vida moderna estaria somente naquilo que se repete incessantemente e a indústria cultural limita-se a repeti-lo, cinicamente, numa enfática e sistemática

proclamação da divindade da ordem social existente. As palavras que não se destinassem a tal objetivo pareceriam destituídas de todo o sentido, seriam mera ficção, ideologia ou inverdade.

Portanto, a indústria cultural também elimina a possibilidade da fruição estética. Não existe mais a possibilidade do prazer ou da simples contemplação. Busca-se assistir e permanecer informado, não para se tornar um conhecedor, mas para conquistar ou manter certo prestígio social. A obra de arte, vista a partir deste princípio, somente é percebida do ponto de vista da possibilidade de servir como mais um valor de troca.

A idéia de que a indústria cultural promoveria uma democratização da cultura eliminando os privilégios existentes mostrou-se, segundo Adorno e Horkheimer (1985), inteiramente equivocada. As massas não foram incluídas no mundo cultural do qual nunca fizeram parte.

Porém, nas condições sociais existentes a partir do século XX, a liquidação dos bens culturais serviu apenas para a decadência da cultura. Ela passou a ser vista como um adorno, espécie de propaganda necessária para garantir que, por exemplo, a cidade, as empresas ou o indivíduo tenham distinção suficiente para ser considerados como importantes partícipes do progresso capitalista:

No transcorrer da era liberal, a cultura caiu na esfera da circulação. O definhamento paulatino dessa esfera acabou afetando o próprio nervo vital da cultura. Com a eliminação do comércio e de seus refúgios irracionais pelo calculado aparato de distribuição da indústria, a mercantilização da cultura completa-se até a insânia. Inteiramente dominada, administrada e de certa forma cultivada integralmente, a cultura acaba por definhar. (...) Assim como a cultura surgiu no mercado, no comércio, na comunicação e na negociação como algo distinto da luta imediata pela autopreservação individual; assim como ela se irmana, no capitalismo clássico, ao comércio; e assim como os seus portadores se incluem entre as 'terceiras pessoas' e se sustentam como intermediários; assim a cultura, considerada 'socialmente necessária' segundo as regras clássicas, ou seja, algo que se reproduz economicamente, restringe-se novamente ao âmbito em que se iniciou, o da mera comunicação. Sua alienação do humano desemboca na absoluta docilidade em relação a uma humanidade metamorfoseada em clientela pelos fornecedores. Em nome dos consumidores, os que dispõem sobre a cultura reprimem tudo o que poderia fazer com que ela escapasse à imanência total da sociedade vigente, permitindo apenas o que serve inequivocamente aos seus propósitos. A cultura dos consumidores pode

por isso vangloriar-se de não ser um luxo, mas o simples prolongamento da produção. (ADORNO, 2001, p.p 14-15).

O sujeito pensante é o inimigo que, apesar de já estar em vias de extinção, continua a ser combatido pela indústria cultural. A mensagem ideológica veiculada através dos produtos da indústria cultural é a de que ninguém, na sociedade livre e democrática em que vivemos, deveria prestar contas do seu pensamento. Todavia, desde cedo, como já destacamos, o indivíduo se vê num sistema de clubes, consumo, associações profissionais, que representam um eficaz instrumento de entretenimento e, principalmente, controle social. Todas estas instituições abençoariam e zelariam por aquilo que consideram o destino ideal de um homem. Dessa maneira, ele somente poderia ser feliz, na sua pseudo-individualidade, se renunciasse à pretensão de individualização.

Não há mais a possibilidade da formação clássica, segundo os princípios defendidos pela Paidéia, daquele indivíduo emancipado. Assim como não existe mais o trágico. Ele foi transformado em um aspecto calculado do mundo e reduzido à ameaça da destruição de quem não coopera. A oposição do indivíduo à sociedade era, no passado, a própria substância desta; agora, o trágico, confirmando a eliminação da emancipação do indivíduo no capitalismo tardio, constitui somente o castigo para os transgressores das regras. Quando o espetáculo termina todos devem se mostrar identificados com o poder responsável pela sua própria opressão. O destino trágico, aquela resistência desesperada frente à ameaça mítica, converte-se na justa punição do último capítulo da telenovela.

O tipo médio, por isso mesmo, transformou-se no herói preferido da indústria cultural. Seu rosto, sua voz, vocabulário, corpo, maneira de olhar, sorriso, tudo, enfim, deve enquadrar-se ao padrão ditado pela moda imposta pela indústria cultural. As particularidades do eu passam a constituir mercadorias, pasteurizadas e condicionadas socialmente pelos interesses do mercado. O indivíduo, na indústria cultural, somente é tolerado quando se identifica completamente com o universal.

Comprendemos que Adorno e Horkheimer tentaram, com sua análise da indústria cultural, descobrir por que a humanidade estaria se afundando, enquanto fixa seu olhar na idéia de progresso, em uma nova espécie de barbárie, o esclarecimento, segundo tais autores, como mistificação das massas. Eles buscaram evidenciar como o aumento da

produtividade econômica no capitalismo monopolista produziu, simultaneamente, um domínio extremamente nefasto, sobre o resto da população. O progresso na construção de uma ordem pretensamente racional, por um lado, permitiria a construção de um mundo mais lucrativo e abundante materialmente, mas, por outro lado, apenas conferiria aos detentores desse aparato técnico e aos grupos sociais que possuíam o controle político, um poder destrutivo a partir dos meios culturais desenvolvidos pelas novas tecnologias disponíveis:

O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, estes elevam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo se vê, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados. A elevação do padrão de vida das classes inferiores, materialmente considerável e socialmente lastimável, reflete-se na difusão hipócrita do espírito. Sua verdadeira aspiração é a negação da reificação. Mas ele necessariamente se esvai quando se vê concretizado em um bem cultural e distribuído para fins de consumo. A enxurrada de informações precisas e diversões assépticas desperta e idiotiza as pessoas ao mesmo tempo. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, pp.14-15).

Discutiremos, a seguir, através do conceito elaborado por Walter Benjamin (2000) do choque, alguns aspectos da experiência, do condicionamento e do estímulo da percepção no indivíduo moderno realizado pelo desenvolvimento das imposições ideológicas típicas da indústria cultural.

### 3- Choque

A experiência é um conceito importante para compreendermos melhor a posição do indivíduo alienado frente aos desenvolvimentos da indústria cultural. Segundo Walter Benjamin, ao considerar a obra de Marcel Proust *A la recherche du temps perdu*, os fatos da vida interior do homem só adquirem um caráter privado, quando diminui, devido a fatos externos, “a possibilidade de que sejam incorporados à sua experiência” (BENJAMIN, 2000, p. 40).

O jornal seria um bom exemplo, de um fato exterior de grande dimensão, que indicaria a diminuição dessa possibilidade de incorporação da experiência pelo indivíduo. Seu principal objetivo consiste na exclusão dos acontecimentos do âmbito no qual poderiam agir sobre a experiência do leitor. Os princípios da imprensa moderna, tais como a novidade, brevidade, inteligibilidade, paginação, estilo lingüístico e ausência de conexão entre notícias isoladas, contribuiriam para que se alcançasse tal efeito. O leitor teria sua imaginação paralisada pelas sensações expostas em grandes tiragens. A informação contida nos jornais fica excluída do campo da experiência porque ela não participaria mais da tradição do relato. Dessa maneira, o leitor já não possui algo de si para contar ao próximo. Esta substituição do antigo relato particular pela informação jornalística reflete uma regressão da experiência.

Mais grave ainda é o fato de que todas estas formas de comunicação se separaram da narração. A narração, uma das mais antigas formas de comunicação, diferencia-se da informação por não visar o puro acontecimento em si, mas incorporando-o à vida do narrador, proporcionando experiência aos que escutam. O narrador, portanto, deixava sua marca naquilo que relatava.

Saber receber continuamente o choque converteu-se em regra para a maioria dos indivíduos que vivenciaram o processo de modernização. Ela é facilitada por um treinamento no controle dos estímulos. Controle que pode chamar, em caso de necessidade, tanto o sonho como a lembrança em seu auxílio. A consciência serviria de proteção contra os estímulos. Quanto mais normal e habitual for o registro dos choques, menor a possibilidade de um efeito traumático por parte dos mesmos. Ao ser captado desta maneira pela consciência, o fato se tornaria aquilo que chamamos de experiência vivida. Já a memória involuntária constitui-se somente daqueles acontecimentos que não tenham sido vividos expressa e conscientemente. O acontecimento, incorporado diretamente ao inventário da lembrança consciente, ficaria estéril para a experiência poética.

A consciência deve estar continuamente alerta no interesse dos estímulos, pois os momentos de choque nas impressões isoladas aumentaram com o avanço do capitalismo tardio. Dessa forma, se ela obtém êxito neste controle, menos estímulos penetram na experiência e maior será a experiência vivida:

A função peculiar da defesa em relação aos choques pode-se, certamente, definir como a tarefa de: marcar para o acontecimento, à custa da integridade de seu conteúdo, um lugar temporalmente exato, na consciência. Este seria o resultado último e maior da reflexão. Ela converteria o acontecimento em experiência vivida no caso do funcionamento frustrado da reflexão, produzir-se-ia o espanto, agradável ou (mais comumente) desagradável, que – segundo Freud – sanciona o fracasso da defesa contra os choques. (BENJAMIN, 2000, p. 44).

Imaginemos agora um cidadão que deve enfrentar esse esquema de choque que se impõe a todos. Ele estará perdido na multidão. Não pode mais se apaixonar à primeira vista, porém, aprende a suportar a visão fugaz que nunca se repete. Eterna despedida do rosto que desaparece no meio da massa indistinta. A certeza de nunca mais encontrá-lo. A sua vida de conforto assimila-o aos mecanismos sociais, mas, também, acaba por isolá-lo completamente no cenário das grandes cidades. Ganhamos conforto e perdemos a possibilidade de construirmos comunidades que nos ajudariam a suportar os traumas e a superar o isolamento.

A técnica subordinou, de acordo com Benjamin, o sistema sensorial do homem a um complexo treinamento. Todos, como transeuntes ou motoristas, devem enfrentar um trânsito que comporta uma série de choques e colisões. Ele deve forçosamente lançar olhares para todos os lados, não para observar sem um motivo específico, mas para atender aos sinais de trânsito e sobreviver. Portanto, não se cogita mais flunar pelas rápidas vias comerciais.

Por outro lado, como trabalhador também aprenderá a coordenar seus movimentos ao ritmo uniforme e constante exigido pela maquinaria industrial. O treinamento dos estudantes nas escolas segue o mesmo padrão de dominação racional dos gestos, movimentos, do tempo e do espaço estabelecidos nos quartéis, hospitais, prisões e manicômios (FOUCAULT, 2005). Dessa maneira, o que acaba sendo ressaltado é o caráter absurdo da multidão sem rosto: a uniformidade na moda, no comportamento, nas escolhas predeterminadas, no pensamento condicionado e nas aparentemente diferentes formas de expressão.

A experiência de choque vivida pelos indivíduos, enquanto transeuntes no meio da multidão, corresponde também à do trabalhador a serviço das máquinas ou a do aluno diante da domesticação do corpo realizada pela escola a partir do ensino infantil. A diversão executaria, neste sentido, um tipo de ensaio, um tirocínio ao qual o operário é submetido desde o momento do nascimento, passando pelo instante de ir para a fábrica até a fase de sua aposentadoria.

Benjamin comparou o operário não especializado, não obstante faltar à sua atividade a aventura e a miragem, a um jogador. O vazio, a futilidade e a não conclusão marcam ambas as atividades. O gesto determinado pelo processo automático do trabalho, prosseguindo na elaboração deste paralelo, se representa no jogo pelo gesto rápido de quem faz uma aposta ou compra uma carta. Da mesma forma como acontece no jogo, cada intervenção do operário na máquina não possui nenhuma relação com a precedente porque constitui sua exata reprodução. Ambos os trabalhos estão igualmente vazios de conteúdo e significados.

Operários, jogadores, alunos, professores e pedestres vivem uma vida de autômatos. Nas suas diversas atitudes existe algo secretamente igual. Por mais forte que seja a paixão que os atormente, como no mecanismo ao qual o jogador se entrega de corpo e alma, eles não podem atuar senão de modo automático. De qualquer modo, se encontram em um estado de ânimo no qual não podem mais acumular experiências. O homem moderno, para usarmos a definição dada por Walter Benjamin, tornou-se um ser despojado de experiência e memória.

No jogo promovido como regra pelas organizações capitalistas, assim como no trabalho assalariado e nas atividades acadêmicas, o fato de começar de novo constitui a idéia reguladora das atuais relações sociais. A experiência completaria e articularia a realização do desejo. Ela constituiria a antítese do tempo infernal no qual transcorre a existência daqueles a quem não é dado chegar a concluir nenhum dos projetos que começaram a vislumbrar como parte da sua trajetória pessoal.

O escritor seria, nesta época do capitalismo, o único em condições de manter a capacidade ou refletir sobre a possibilidade de se ter experiências significativas. Ele continua, mesmo com a dissolução da aura (preço pago para se conquistar a sensação da

modernidade) já descrita por Baudelaire nas suas desventuras parisienses, tentando trazer à luz o passado e suas reminiscências que o impregnavam durante sua permanência no inconsciente.

No entanto, devemos salientar que a uniformidade no cálculo e controle racional do tempo não pode evitar vestígios que são desiguais e privilegiados. O calendário conseguiu unir qualidade e quantidade temporal, entretanto, os dias de festa acabaram ficando em branco.

O indivíduo no capitalismo, como vimos, perdeu a capacidade de ter experiência. Ele sente-se, como muitos outros, angustiado e excluído no domingo ou qualquer outro dia festivo. As pobres almas de hoje, como escreveu Benjamin, se assemelham muito aos sinos, que antigamente estavam ligados aos dias festivos, que se agitam muito, sem possuir, no entanto, nenhuma história.

### Referências

ADORNO, T. W., HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_. “Crítica cultural e sociedade”. In: \_\_\_\_\_. **Prismas crítica cultural e sociedade**. Tradução de Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Editora Ática, 2001.

BENJAMIN, W. “Sobre alguns temas de Baudelaire”. In: \_\_\_\_\_. **A modernidade e os modernos**. Tradução de Arlete de Brito. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2000.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Tradução de Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

MILLS, W. “O Trabalho”. In: \_\_\_\_\_. **A nova classe média**. Tradução de Vera Borda. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

QUEIROZ, E. de. **A cidade e as serras**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução de Marcos Santarrita Rio de Janeiro: Record, 2005.

TOCQUEVILLE, A. **A democracia na América sentimentos e opiniões**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.